

Pedro Demo

Metodologia para quem quer aprender

Grupo 3.

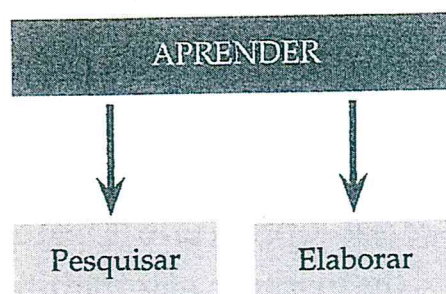
SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 2008

3 DESACERTOS

Não tenho interesse em alimentar polêmica estéril sobre a aula, não só porque seria diálogo de surdos com os defensores fundamentalistas dela, mas principalmente porque há aula cabível, interessante, pertinente, ao lado de uma maioria inaproveitável. Na história da leitura, a aula instrucionista faz parte do método escolástico, entendido este como aquele que tutelava qualquer tentativa autônoma de interpretação. Nossas escolas e universidades praticam ainda este método, à revelia de todas as teorias e práticas mais atualizadas de aprendizagem. Por isso, acredita-se tão piamente que, aumentando as aulas, aumenta-se a aprendizagem, coisa que os dados não suportam. Os alunos comparecem para escutar um professor falar, em geral de maneira instrucionista – sua grande maioria não produziu o que fala. A rigor, não se pode dar aula a não ser do que se produz. Aula instrucionista, apenas para expor idéias alheias, é mais bem feita pela mídia, em cores, com efeitos especiais e gente bonita. Hoje, o que está nos livros e na mídia não precisa ser repetido em sala de aula, porque, sabendo o aluno ler, a informação está disponível. Trata-se de outra tarefa, tipicamente maiêutica, que é reconstruir conhecimento, não apenas veicular informação para ser, a seguir, na prova, reproduzida. O papel do professor é socrático, sua função é formativa em termos autopoieticos, não como preceptor, capataz. Desrespeitam-se completamente as condições básicas de aprendizagem reconstrutiva, à medida que os alunos são mantidos como massa de manobra de idéias alheias. Não se pesquisa ou elabora, não se fazem textos próprios, não se motiva a autoria, mantendo-se como paradigma de aprendizagem mera instrução.

O desacerto vem de longe. Vem principalmente do ambiente instrucionista, no qual se insere o professor como produto daí decorrente. Neste sentido, não é o caso “culpar” o professor, porque é vítima deste sistema instrucionista. Não tendo aprendido a estudar profissionalmente, não é capaz de instituir esta habilidade nos alunos. Uma coisa é freqüentar um curso para chegar ao diploma. Outra coisa é estudar para a vida e, dentro dela, para o exercício profissional. Quando o ambiente escolar e acadêmico é mais adequado, estabelece-se um contexto de estudo rigoroso, sistemático, no qual cada aluno, sozinho ou em grupo, trata de reconstruir conhecimento. Basta ver como se fazem seminários. Em si, é idéia pertinente. Na prática, tendem a restringir-se a caricaturas reprodutivas. Dificilmente os seminários supõem que seus participantes compareçam com material próprio elaborado. Em geral, cada um fala o que lhe vem à cabeça, quase como numa sessão de *brainstorming*.³ Em vez de se socializarem as habilidades e competências, socializa-se a ignorância. Ao mesmo tempo, instala-se o abuso da idéia da inter ou transdisciplinaridade, como se uma pessoa sozinha conseguisse ser este poço de conhecimento em vários planos. Badala-se o sábio genérico, que não sabe nada. Diferente será o seminário no qual cada participante fala o que elaborou, discute o que produziu, apresenta o que reconstruiu. É preciso solidificar o compromisso de que somente se afirma aquilo para o qual se tem base elaborada. Se isto fosse aceito, grande parte dos professores não teria nada para dizer, pois não estuda de verdade.

³ “Tempestade mental” – método empregado de produzir idéias através da explosão solta, dizendo o que vem à cabeça.



Daí segue a superficialidade gritante de aulas que passam fugazmente por autores, através de resumos ralos, mas, que, copiados pelos alunos, passam a ser a competência disponível. Temos exemplo flagrante disso com respeito a Piaget, um autor de envergadura genial, mas recepcionado entre nós sempre pela via de cacos de algumas idéias. É raríssimo encontrar alunos que realmente estudaram Piaget, por mais que falem em construtivismo todos os dias. Mas esta raridade é a mesma entre professores: grande parte deles nunca pesquisou e elaborou Piaget, embora se imaginem capazes até mesmo de dar aula sobre construtivismo. Quem ouviu falar de construtivismo não pode dar aula de construtivismo. Para tanto, é preciso pesquisar e elaborar, tornando-se autor de interpretação autônoma. É coisa lamentável que, sobretudo em cursos noturnos encurtados, os alunos sejam induzidos a reproduzir resumos caricaturais, porque já não se agüenta mais ler um livro inteiro, sobretudo quando é um texto complexo. Há dois encurtamentos comprometedores aí: a aula reproduzida e o texto reproduzido. Ambos são da mesma laia. São propriamente fraudes acadêmicas. Na escola, é comum que o aluno não leia, porque o currículo prevê, no fundo, repasse de conteúdos, não sua digestão adequada. Impera o currículo extensivo, que entope o aluno de fora para dentro, de cima

para baixo, deixando-o como objeto de idéias estranhas. No máximo, repete-as como papagaio. O problema maior, entretanto, não está no aluno. Está no professor papagaio.

Em geral, estudamos por obrigação, no dia antes da prova, premidos pelo tempo, e a contragosto. É raro o aluno que gosta de estudar. Decorre isto também de uma sociedade que não preza o conhecimento como referência fundamental das oportunidades de vida. Ainda é assim que, por exemplo, quando uma empresa contrata um economista, não pergunta onde se formou, porque o diploma – seja qual for sua procedência – basta. Entretanto, seria fundamental distinguir um economista que estudou cinco anos numa universidade de ponta de outro que estudou três anos apenas numa instituição noturna sem qualidade. Na verdade, o economista não é contratado para produzir conhecimento em economia. Talvez seu trabalho seja burocrático, rotineiro, onde economia entra como enfeite. É por isso que encurtamos os cursos, porque, à luz desta banalização, é perda de tempo estudar mais e melhor. É também comum que empresas incitem seus funcionários a obterem nível superior em qualquer modalidade, deixando de lado a referência qualitativa. Na verdade, é pretexto para pagar um pouco mais, esperando-se ainda que, tendo nível superior, o empregado torne-se mais útil. Estudar implica esforço sistemático e permanente de reconstrução do conhecimento, na condição de sujeito que inova e se renova. Algumas profissões percebem este desafio mais diretamente. Por exemplo, muitos médicos mantêm-se estudando sempre, pois sua área sofre renovações intempestivas da pesquisa e da tecnologia. Não estudar pode significar a perda de mercado.

Banaliza-se também facilmente a pesquisa. Uns dizem que é quimera, porque pesquisa é coisa de instituições e expertos sofisticados. Sem dúvida, pesquisa tem esta face da produção rebuscada de conhecimento. Mas, na esfera da educação, pesquisa é principalmente princípio pedagógico da aprendizagem adequada. É neste sentido que deve ser vista como expediente indispensável da formação do aluno. Pesquisar não implica apenas domínio do método, implica, acima de tudo, oportunidade mais elevada de formação. Outros se satisfazem com caricaturas de pesquisa, esquecendo suas exigências metodológicas. Pesquisa não é qualquer coisa. Muito ao contrário, supõe procedimento metódico, refletido, bem feito, elaborado. Não por acaso, existe literatura infinita sobre metodologia científica. Toda pesquisa precisa ser minimamente um "questionamento reconstrutivo": precisa questionar a realidade ou autores, e precisa reconstruir a realidade ou as análises disponíveis sobre a realidade.

Banaliza-se igualmente a elaboração, em geral mantida como cópia subalterna. Na alfabetização é assunto já muito debatido: não basta decodificar o alfabeto, é mister saber interpretar. No entanto, muitos alunos chegam à 9ª série e não entendem o que lêem. Ou seja, sabem decifrar letras, palavras, números, mas não são capazes de entender e atribuir significados. Não possuem autoria. Não sabem pensar. É comum que professores de português não construam textos minimamente adequados de português, não porque não queiram ou não lhes interesse, mas porque, em geral, não sabem. Professor com texto próprio, autoria lídima, autonomia crítica e autocrítica é ainda peça rara. Por isso, aluno crítico e autocrítico será peça ainda mais rara.

Atrapalha muito, evidentemente, o regime de estudo à noite, depois de um dia exaustivo de trabalho. Por conta de nossas condições históricas, esta chance deve ser valorizada e preservada. Os jovens possuem o direito de estudar, quando lhes for possível. Por isso, este tipo de curso precisa ser visto com enorme cuidado e devoção. Não faz sentido aludir ao cansaço para encurtar o estudo, já que esta gente sofrida precisa tanto mais de bom estudo. De encurtamento não carecem. Em vez de serem submetidos a aulas infundáveis instrucionistas, seria muito mais inteligente usar o tempo para pesquisar e elaborar, fazer texto, montar experimentos, construir idéias. O que levam para a vida é esta habilidade de saber pensar, pesquisar, elaborar, não as aulas. Estas se perdem no vento, porque são, tendencialmente, apenas vento. Não adianta engolir conteúdos em penca que logo mais já estão desatualizados, se já não estão desatualizados no momento de os engolir. Ser profissional é principalmente saber renovar, todo dia, os conteúdos. Esta habilidade de renovar os conteúdos pressupõe, naturalmente, domínio de conteúdos, mas o desafio maior é renová-los. Saber renovar conteúdos é lidimamente saber aprender, estudar, pesquisar, elaborar. Se isto soubermos, podemos enfrentar novos desafios, até mesmo reconstruir a profissão se esta vier a caducar. Com meras aulas instrucionistas, ficamos na rua chorando o tempo perdido.

Tem sido objeto de discussão a aprendizagem virtual, algo que está chegando para valer. Muitos criticam acerbamente, porque a Internet facilmente induz à cópia, e isto já é problema candente na escola e na universidade, mesmo em pós-graduações *stricto sensu*. Outros se preocupam com o excesso de informação, levando à desinformação. Entretanto-

to, como não há retorno, é melhor preocupar-se em como fazer e usar bem esta oportunidade. Por exemplo, agora, com o ciberespaço disponível, é possível estudar em grupo sem sair de casa, porque podemos fazer a experiência da “presença virtual”. A presença não é apenas física, por mais que isto possa ser visto como um susto. A própria disponibilidade astronômica de informação pode ser visualizada como oportunidade crucial, desde que se saiba transformá-la em conhecimento disruptivo. A nova mídia precisa comparecer como chance inovadora de aprendizagem tanto mais reconstrutiva, porque os ambientes oferecem condições muito mais aprimoradas de pesquisa e elaboração. O fato de abusarmos tão facilmente disso não torna isso execrável. Na prática, a fraude acadêmica não existe apenas no mundo virtual. Na presença física também. “Colar” talvez seja a coisa mais criativa que restou de uma escola instrucionista!

Nosso atraso está, especificamente, na idéia comum de que escola e universidade são um monte de salas de aula. Quando dizemos que estamos estudando na escola e na universidade, estamos dizendo que freqüentamos aulas. O tempo mais importante na escola e na universidade não é o de aula, mas o de estudo. Em vez de ter aula o tempo todo, seria muito mais clarividente ter algumas aulas, reservando-se a maior parte do tempo para pesquisa e elaboração. Para tanto, é preferível, de longe, o currículo intensivo, através do qual, em vez de alongar a transmissão de conteúdo, nos centramos em seu estudo verticalizado. Carregar nas costas toneladas de conteúdos dos outros não faz um profissional. Mas faz um profissional saber discutir e praticar conteúdos, e renová-los permanentemente. Ainda nos persegue o estigma do vestibular. Para entrar numa

universidade gratuita de bom nível nos submetemos a cursinhos instrucionistas desbragados. Memorizamos conteúdos sob pressão por vezes desumana, e os esquecemos logo em seguida, razão pela qual é preciso refazer o mesmo cursinho, caso não se passe no vestibular. Não se aprende para a vida, mas para a prova. Como consequência, ficamos com apostilas, textos sempre encurtados, caricaturais, fórmulas prontas, de ninguém, cuja vantagem pretensa é que já vêm “bem pensadas”; basta reproduzir. Os espertos ganham fortunas com tais trambiques, enquanto os incautos os engolem como pílulas de salvação. Na verdade, não são nem água benta.

4 ARTE DE ESTUDAR

Abordo esta questão pela noção de “arte”, para evitar, desde logo, receita pronta. Receita de estudar coincide, sempre, com não saber estudar. Não se trata apenas de que estudar possui tons individuais, subjetivos, próprios em cada qual. Trata-se principalmente de que estudar implica criatividade e esta não pode ser formatada *a priori*. Entendendo-se estudar como criar, ultrapassa-se a expectativa de simples memorização, tão comum entre nós. Quando o professor pretende transmitir conteúdos curriculares, aula por aula, espera que tais conteúdos se fixem na cachola dos estudantes. Espera, no fundo, disciplina, atenção, memorização. Estou tentando dizer o contrário. Criatividade acarreta alguma disciplina – não se cria do nada, de qualquer maneira, ao léu – mas criatividade mesmo é algo indisciplinado, disruptivo, não rotineiro. Quem cria não faz todo dia a mesma coisa, nem espera que a mente funcione como rotina. Entendo, po-